



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

18 de Agosto de 2018 • Ano LXXV • N.º 1942
Quinzenário • Jornal de Distribuição Grátis

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



MALANJE

Padre Rafael

QUANDO passava pelo refeitório, vi alguém que estava a recolher de uma das travessas as sobras de arroz e as metia num saco. Pensei que era um dos nossos rapazes. Afinal era o Tio Capuchinho. Quando me viu, sorriu e disse-me: «quanto tempo sem nos vermos, disseram-me que estava em viagem; é a fome. Não me lembro de passar tão mal como nestes últimos anos». Meti a mão no meu bolso e lhe dei um bilhete, dizendo: «Tio Capuchinho, compre um peixe para acompanhar o arroz.» De imediato soltou a sua muleta e começou a dançar. Continuou contando-me, enquanto lhe caíam algumas lágrimas: «O meu primeiro filho faleceu há uma semana, e não pude ir ao seu funeral, pois não tinha dinheiro para a viagem».

Tio Capuchinho foi catequista geral durante muitos anos, e só deixou de exercer, faz uns anos, quando se separou da sua esposa e teve alguns problemas de saúde. Ainda recordo que no ano passado, me disseram que estava muito doente na sua aldeia. Fui buscá-lo no carro e tivemos que ir à casa até recuperar a saúde. Todos os Domingos, vinha à Casa do Gaiato para receber alguma comida, e quando

me encontrava, sempre me cantava uma canção da Missa em Kimbundo (idioma tradicional) e depois uma história do tempo colonial.

Anteontem vieram alguns velhinhos da sua aldeia, dizer que havia falecido a noite passada... vivia sozinho. A maior preocupação era o caixão para o funeral, do resto se encarregavam eles. Aqui não é costume que o padre faça as exequias, quando alguém morre, normalmente é o catequista — mas desta vez fui eu que lhes pedi.

Nestes últimos anos, estamos a assistir a uma degradação generalizada em todo o País.

Nos hospitais não há condições, nem medicamentos — tudo quanto necessário é preciso comprá-lo na farmácia... até às luvas de plástico.

Nas escolas faltam os professores e as famílias vêem-se na obrigação de pagar para poderem contratar professores que cubram as disciplinas que não têm. Praticamente não há trabalho, e muita gente se dedica a comprar e a vender para ter algo que comer nesse dia.

Capuchinho já não está connosco, mas as suas canções continuam a ressoar em mim. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Casa do Gaiato do Porto

O Padre Américo tem de morrer e o nome dele ficar nos alçares da Casa do Gaiato, escondido: se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia; é amor à Criança abandonada. É política... do Pai Nossa. Torna-se necessário que ele desapareça para que a Obra cresça.

Padre Américo

A bibliografia activa e passiva de Padre Américo e da Obra da Rua é imensa! Para continuarmos a esboçar um singelo retrato da fundação da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, por ocasião dos seus 75 anos de vida, vamos dando prioridade evidentemente às fontes, em especial ao que foi saindo da pena extraordinária de Padre Américo. Ele próprio, numa nota ainda no Correio de Coimbra, em 1943, escreveu assim: *Muito se tem falado e escrito, nos nossos dias, acerca da Casa do Gaiato do Porto; porém, aqui é que se encontra a única interpretação fiel da Obra da Rua. Podes beber todas as semanas, que as águas*

desta fonte não são sujas nem envenenadas.

De entre as belas páginas em que registou os primórdios da Obra da Rua, fazendo assim história viva, no seu jeito de síntese, em 1952, deu à estampa um interessante opúsculo intitulado *A Porta Aberta*, cuja descrição da Casa do Gaiato do Porto transcrevemos na íntegra, pois resume de forma peculiar um sonho urgente, em prol dos Rapazes pobres, que se foi tornando realidade na freguesia do Salvador de Paço de Sousa. Eis:

No fim do segundo ano, que foi Janeiro de quarenta e dois, os novos habitantes mal cabiam dentro do berço [Casa do Gaiato de Miranda do Corvo]. Tornava-se necessário expandir e eu dirigi-me ao Norte a ver se dava com uma quinta. No Porto, encontrei coisa melhor; era fora do mercado do Anjo um grupo de garotos a merendar do chão cascas de fruta! Parei. Falámos. Tornámo-nos grandes amigos. Eu era o senhor abade. Quiseram naturalmente

saber aonde eu morava; e acompanharam-me naquela tarde à estação de S. Bento. Regressei a Coimbra. Em vez de quinta encontrei no Porto, aonde a procurava, uma grande e viva necessidade dela. Tornei. Os garotos eram chusmas e eu admirava-me de que não tivesse aparecido o homem naquela cidade! Entremos, a Casa do Gaiato de Coimbra crescia. Finalmente, no outono de 1942 passei por Paço de Sousa e vi ali um convento abandonado, com sua quinta murada. Tornei. Medi. Suspirei. Era aquela a minha cruz; a cruz que o Senhor me preparava. Cruz doce como são todas as que Deus dá. Dali mesmo e na casa do pároco da freguesia [Padre Miguel Baptista Lopes], alinhavou duas letras para o então Subsecretário [de Estado] da Assistência Social [Dr. Joaquim Diniz da Fonseca] e a resposta foi a dizer que sim. Tomei conta no [dia 20] mês de Abril de 1943. Por essa altura, Padre Adriano estava já associado a mim. Elaborámos o projeto; uma aldeia para trezentos rapazes com 18 pavilhões adequados. Sem letras, sem dinheiro, sem prestígio, sem nada, nós fomos realizar o incrível. Colocámos o projeto nas mãos do arquiteto Teixeira Lopes e dissemos que

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PRESTAÇÃO DE CONTAS — De acordo com o Quadro Estatístico que, como é de regra, preparamos e enviamos ao nosso Conselho de Zona e daí para o nosso Conselho Central (que nos perdoem os seus responsáveis pelas nossas pobres disponibilidades em tempo que só nos permitiram fazermos isto bem para lá dos devidos prazos), as contas da nossa Conferência, no ano de 2017, foram as seguintes:

- 1) Despesas:
 - a. Total: 6066,76 euros
 - b. Auxílio na doença (compra de medicamentos): 3166,96 euros;
 - c. Auxílio domiciliário (apoio monetário para despesas de água, electricidade, alimentação): 1396,55 euros;
 - d. Auxílio na habitação (apoio no pagamento de rendas de casa e de pequenas obras): 324,10 euros;
 - e. Despesas diversas (contribuição para o Conselho Central como mandam as nossas regras, organização de eventos de angariação de fundos e outros no âmbito da actividade da nossa Conferência, etc.): 1179,15 euros
- 2) Receitas:
 - a. Total: 12382,96 euros
 - b. Donativos recebidos de leitores d'*O Gaiato*: 3535 euros;
 - c. Outros donativos: 6021,16 euros;
 - d. Receitas de colectas, peditórios nas missas dominicais, tombolas e outras actividades de angariação de fundos: 2826,80 euros.
- 3) Saldo: 6316,20 euros

Para começar, duas observações sobre este saldo positivo. Uma é que ele se ficou a dever muito aos “outros donativos” no valor de 6021,16 euros, nos quais se incluem dois de valor avultado (5000 euros e 700 euros) e de carácter extraordinário. O donativo de 5000 euros veio de uma pessoa sem família que nos confiou este valor por achar que assim está em boas mãos, mas que pode vir a precisar de todo, ou de parte desse dinheiro se alguma emergência lhe acontecer. O donativo de 700 euros apareceu na nossa caixa do correio, deixado por um anónimo, que presumimos quem seja, e que, assim, entendeu agradecer a Deus por alguma intenção especial.

A segunda observação sobre o saldo positivo é que, agora, tal como nos anos anteriores, estes “lucros” continuarão a ir, quase todos, para a reserva necessária à manutenção das 14 casas do Património dos Pobres da nossa paróquia.

Quanto às receitas, tirando o caso excepcional dos donativos atrás referidos, em 2017, e tal como tem vindo a acontecer já desde há muito, as principais correspondem aos donativos que nos chegam dos nossos queridos leitores que confiam em nós como bons aplicadores da sua ajuda generosa.

Quanto a essas aplicações, são as que estão descritas no quadro das despesas, sendo o apoio na compra de medicamentos a que está bem em primeiro lugar.

Sobre estas aplicações falaremos mais e melhor em futura crónica para não alongarmos esta muito mais: Fica aqui só uma deixa para uma dessas crónicas futuras. Várias pessoas já nos têm dito, de uma forma amiga, e presumimos que alguns leitores também já tenham pensado o mesmo, que muito poucas vezes trazemos para estas crónicas relatos de situações de grande miséria que rapidamente suscitam a comoção e os donativos generosos dos leitores. Pode ser defeito nosso, mas não temos jeito para romancear as situações e puxar a lágrima ao olho de maneira a fazermos estratégia para angariação de fundos.

Note-se, também, que, se a actividade da nossa Conferência fosse de âmbito nacional, ou de um outro âmbito bem para além da nossa paróquia, infelizmente não seria difícil trazermos para aqui todas as quinzenas esses casos de miséria extrema que imediatamente suscitam a comoção e a generosidade do leitor.

O que fazemos agora e desde sempre é cumprirmos o seguinte lema: “Que cada paróquia cuide dos seus pobres!”. Por isso, cuidamos dos que cá temos, e como os cá temos, sendo que alguma coisa estaria muito mal no nosso trabalho e neste pequeno sítio do mundo onde vivemos se, com frequência, estivéssemos aqui a relatar casos de miséria extrema, ou outros que também suscitem imediatamente a comoção e a generosidade dos leitores.

Será, então, que isto quer dizer que já não há pobres cá por estes lados?

Não diremos mais por hoje. Voltaremos a este assunto em crónica futura. Concluímos com um mais do que devido Muito Obrigado, do fundo do coração, aos nossos queridos leitores que em nós confiam, e nos ajudam a cumprirmos a nossa missão de cuidarmos dos pobres que temos aqui e agora, tal como eles são.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)

Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa
Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda



BAPTISMOS E PRIMEIRA COMUNHÃO

MIRANDA DO CORVO — O dia 22 de Julho, Domingo, ficou marcado nesta nossa Comunidade por um acontecimento importante a nível da sua vida cristã. Na verdade, dez rapazes desta família, da Obra da Rua, receberam os sacramentos do Baptismo e da Eucaristia. Durante alguns anos, aos sábados de manhã, com a catequista (prof.^a) Fernanda, que acompanhou esses Rapazes e outros, na catequese de infância, de forma perseverante, houve uma dezena deles que desejaram ser baptizados e comungar Jesus, depois de convenientemente preparados. Assim, com antecedência, foi marcado o quarto Domingo de Julho, com o Pároco, Padre Ferrão. Entretanto, esses Rapazes deslocaram-se no dia 17 de Julho, terça-feira, ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, para agradecer à Mãe de Jesus o dom da vida e encontrarem-se com sacerdotes para o efeito. Também foram escolhidos os padrinhos e as madrinhas, entre os nossos amigos e indicados pelos seus familiares. Ainda, é de notar que algumas pessoas amigas de Nevogilde (Lousada) tiveram um gesto significativo, pois conseguiram oferecer umas lindas túnicas a esses dez rapazes, expressamente executadas, o que muito agradecemos, ficando todos muito bonitos e com uma Cruz no peito!

Entretanto, a senhora D. Nazaré foi

orientando os preparativos, como a simples refeição, e alguns amigos trazido géneros alimentícios. Também era preciso que a nossa quinta estivesse cuidada, pelo que foram arranjados os jardins, varridos os arruamentos e colocadas mesas no átrio da nossa Escola. Para a viagem de parentes desses rapazes, foi alugado um autocarro, de Sete Rios, pelas 8:30h, desse dia, com pessoas de várias localidades, como: Póvoa de Santa Iria, Casal da Mira, Casal de Cambra, Ramada, Odivelas, Vila Franca de Xira, Cova da Moura (Buraca), Prior Velho, S. João da Talha, Loures. vindos de Lisboa, chegaram às 11:30h, próximo da igreja desta Vila.

A Celebração Eucarística teve início às 12:00h, no átrio da igreja matriz, sendo presidida pelo nosso Padre Manuel, que fez então o acolhimento dos dez rapazes, seguindo-se os pais, irmãos, padrinhos, familiares, colaboradores e amigos. Depois, foi a procissão de entrada, com vários sinais, como a Cruz, as velas e as toalhas de Baptismo, e oferendas para a Eucaristia. Seguiu-se a escuta da Palavra de Deus, cujas leituras e a oração dos fiéis foram lidas por: Crino e Mário; Norberto e Marcelino (acólito). Um momento muito importante foi a celebração do Baptismo, na pia baptismal, cujos nomes dos rapazes são: Adalberto, Paulo Augusto, Adimir, Anelca, Crino, Fábio, Maio

Mário, Marcelino, Norberto, Neio. Continuou a celebração com a liturgia Eucarística, em que comungaram Jesus pela primeira vez, no altar do Senhor. Também se consagraram a Nossa Senhora. Em todos os rostos estava a alegria, dos baptizados e que fizerem a Primeira Comunhão, bem como em toda a assembleia. No final, receberam: uma pagela, diplomas, a cédula da vida cristã, orações e uma Cruz (como a do Papa Francisco). O coro animou a Missa e a D. Lurdes tirou belas fotografias, para recordarmos este grande dia.

O momento do almoço ia assim adiantado, quando chegámos ao nosso portão grande, estando a refeição pronta e bem confeccionado, pelas colaboradoras da nossa Casa. Foi servido em tabuleiros, com ordem e boa disposição. Lindos bolos de baptizados apareceram nas mesas e reinou muita alegria, em especial quando foram partilhados. Todos aproveitaram para conviver com muita amizade.

A hora da partida, para os que vieram de longe, foi às 18:00h, que foram muito felizes! Entretanto, foi-se arrumando o sítio e o que sobrou, para os dias seguintes. A todos as pessoas que colaboraram e ajudaram nesta nossa linda festa, a nossa gratidão. Bem-haja! Que estes novos cristãos sejam sempre amigos de Jesus e dos irmãos, na prática da sua fé! □

PAÇO DE SOUSA

José Júnior

CAMPO — Chegou o tempo da colheita das cebolas. Os Rapazes encheram um reboque de cebolas e foram guardá-las na adega, onde a temperatura é mais fresca. Também aproveitamos para a nossa sobremesa as melosas da nossa horta, que o sr. Jorge teve muito gosto em semear. Temos tido também muito feijão-verde e tomate, que são diariamente regados para não secarem devido às altas temperaturas. O milho continua a crescer bem com a ajuda do adubo que foi espalhado, estando a ser uma parte dele regado pelo sistema de gota-a-gota.

TRABALHOS — Estando quase a chegar o Outono muitas folhas das

árvores vão caindo para o chão. Os últimos trabalhos têm sido varrer e apanhar as folhas secas, especialmente dos plátanos junto ao hospital, ao bar e à tipografia. Todos os dias vão Rapazes regar as sebes dos nossos jardins. Apanhamos também as últimas ameixas do nosso pomar e regamos as árvores de fruto.

PRAIA — Agora chegou a vez dos mais velhos aproveitarem as suas férias na Azurara, depois de alguns terminarem a escola e entrarem no período de férias. O primeiro turno foi com os Rapazes mais novos, tendo tudo corrido lindamente, devido ao facto de haver campo de futebol em casa. Fora das horas da

praias, os nossos Rapazes entretêm-se a jogar a bola e, às vezes, a jogar cartas.

PISCINA — Os nossos Rapazes a seguir ao lanche vão-se refrescar na piscina, juntamente com alguns amigos gaiatos e seus filhos. Alguns Rapazes fazem as suas acrobacias na prancha, outros atravessam a piscina a nado para ver quem chega em primeiro lugar ao outro lado, outros competem na travessia por baixo da água, enquanto outros brincam na parte dos médios e outros na dos pequenos. Como a nossa piscina se encontra num lugar muito bonito, algumas pessoas aproveitam a paisagem para tirar fotografias. □

PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

queríamos tudo de granito e nada igual. Eu tinha recebido das mãos da Junta [de Província] do Douro Litoral, ocupante deste património, o seguro de 156 contos, por um incêndio que ali houvera em 1939 [21 de Outubro de 1940]. Tinha este dinheiro e não tinha mais nada. Urgia começar. Ouvira falar do Engenheiro Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas. Fui por aí abaixo. Nunca nos tinhamos encontrado. Eu disse. Ele escuta. Não levava comigo riscos nem figuras; nem ele precisava delas. Pedi trezentos contos. O Ministro adianta-se cem anos e disse a tudo que sim. Eu balbucio dificuldades de prestação de contas. Ele responde que não e exa-

rou: concedo ao homem e à obra, a qual não pode estar sujeita a peias burocráticas. Isto consta dos arquivos. Isto foi ontem, com um avanço de cem anos. Isto tem rendido cem por um à Nação.

No dia 27 de Maio daquele ano de 43, celebrei Missa, sozinho, no altar da igreja de Paço de Sousa. Ela é uma jóia nacional. À mesma hora e nos lugares previamente marcados, cem homens começavam a trabalhar. Mais nada. Mais ninguém. Gosto do silêncio! Não levou muito tempo que as primeiras casas começassem a sair dos alicerces. Mas eis que se dá um acontecimento nacional. Eu estava em Miranda, quando a Emissora deu notícia, no dia 16 de Novembro [de 1943]. Era uma voz plana, a dizer que o Ministro das

Padre Manuel Mendes

Obras Públicas tinha morrido naquela manhã, de desastre! Trabalhavam em Paço de Sousa uns 150 homens. Eu tinha o Ministro e mais ninguém. Ele morre! Tudo acabou. Deliberei despedir homens, reduzir despesas, confiar-me à Casa da Miranda. Morreu o Engenheiro Duarte Pacheco! Mas Deus é eterno, berrei eu dentro de mim; e com este pensamento me levantei. Se não tão fácil como seria, a Casa do Gaiato do Porto é hoje uma formosa aldeia de magníficas construções.

Sobre este assunto que marcou profundamente o Padre Américo, ainda deu mais pormenores: O despacho de 28 de Abril de 1943, de 300 contos, saiu da pluma do Leão e diz assim: O alto interesse social da Obra e os merecimentos que

concorrem no homem que pede, justificam, de sobrejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo, dispensando formalidades que embargam uma acção inspirada apenas em ideias de bondosa e pura solidariedade humana — Duarte Pacheco.

Não sei quem me há-de suceder; mas sei, sim, que se não houver a recta intenção de dar o sangue por amor destes pequenos farrapos, ninguém nunca arrancará penadas ministeriais semelhantes a esta, ainda que se pinte da melhor política. Ninguém; nunca!

Para que não subsistam equívocos sobre a autoridade legítima do Orientador da Obra da Rua depois da morte de Padre Américo, em 16 de Julho de 1956, segue-se um breve esclarecimento em rodapé. Nesta matéria dolorosa, tivemos em mãos uma carta (*confidencial*) do Padre Américo, de 3 de Julho de 1956, enviada de Paço de Sousa e dirigida ao seu Bispo de Coimbra, D. Ernesto Sena de Oliveira, sobre uma suposta vidente, dizendo: ateiamos que isso pertence à Hierarquia. Não temos nada com o caso. [...] “Ou, ou”. Isto referente ao Padre Adriano Antunes († 23-XI-1983). Com o Padre Elias, depois, vincularam-se à Pia União dos Apóstolos da Rua, com sede na Casa do Gaiato das Capelas, na ilha de S. Miguel, nos Açores, desligados da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo. Assim, treze dias antes do seu passamento, por essa saída, no zelo da ortodoxia da fé cristã, o Padre Américo foi impedido a escrever: Deus supre. Em 18 de Julho de 1956, o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, aceitou a proposta dos Padres da Rua de designar o Padre Carlos Galamba como Director da Obra da Rua. □

BEIRE — No rescaldo dos 130 anos de Pai Américo

Um admirador

Quem foi/é este Américo Monteiro de Aguiar (A.M.A.)? O fenômeno humano da comunicação seduz-me. Desde há muitos anos que criei para mim próprio a sigla **C. T. A. da Comunicação**. Porque entendo que a comunicação é mesmo uma Ciência (*coisa que pode/deve estudar-se*), é uma Técnica (*coisa que precisa treinar-se, para se ir aprendendo*) e é também uma Arte (*coisa que, em cada um de nós, sempre está a criar-se, num incessante recriar-se, e sempre assume um carácter pessoal, único e intransmissível*). Curioso também é que, das primeiras coisas que me lembro ter memorizado de Pai Américo, é isto que, volta e meia, gosto de referir: *O homem, naturalmente, gosta de dar-se. Comunicar-se. Ser útil. O homem só é um doente. Não ama. Explora.* Já lá vão mais de 60 anos que este pensamento, com um encanto e uma actualidade sempre crescentes, funciona em mim como um *programa de vida*. E também como uma preciosa grelha de leitura de muitos dos nossos comportamentos observáveis — quer em mim próprio, quer nos que me rodeiam.

Porque gosto de brincar com as palavras, gosto de brincar também com o **tempo** e o **modo** dos verbos. Daí que, no tal encontro da U. Católica de 21.10.17, tenha começado assim: “Não sei se quando, há 130 anos, nasceu Pai Américo, houve alguém que perguntasse “Quem virá a ser este menino” (Lc 1, 57-66). Não sei se alguém perguntou. Mas sei que, ainda hoje, há muitos que se perguntam como eu me pergunto: — Quem *foi* / Quem *é* este Américo Monteiro de Aguiar — Presbítero, como reza o epitáfio da laje tumular da sua campa rasa, na capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, ao lado do altar? O que *fez* ele / O que *faz* ele — para que estejamos hoje aqui?

E, no meu caso particular, a minha grande questão: — *Quem é Pai Américo para mim? Que peso tem ele, hoje, na minha vida actual, já octogenária?*”

Alguns dados que me dão que pensar... Posto assim a questão, partilhei com aquele público alguns dados já aqui referidos. Gosto de enfrentar os mistérios da vida. Porque acredito que o mistério não é para ficar enterrado no desconhecido. Tal como no Amor (que também é *um grande mistério...*), vale para aqui aquele princípio do “hoje mais que ontem e menos que amanhã”. Isto é, o mistério está ali, *velado ainda* para nós, mas sempre a espicaçar-nos para o irmos *des+velando*, até que se nos revele, naquilo que podemos lá chegar. Progressivamente. Porque, sendo nós *seres misteriosos*, a nossa missão neste mundo, como aliás fez Jesus de Nazaré, é irmo-nos descobrindo (“*Quem sou eu?*...”) até chegarmos ao “Eu e o Pai (*eu e o Mistério!*...) somos UM e eu vim para que todos sejamos **UM com o Pai**” (Jo 10, 30). É que, digo-vos, já com algum saber de experiências feito, nessa busca pode encontrar-se uma fonte gostosa e inesgotável de *mais vida e vida em abundância* (Jo 10, 10).

Vamos, então, recordar algumas datas que, hoje, olho como mais significativas:

- Deixemos o Outubro de 1949 e o Março de 1961 — porque já referidos aqui, n.º 1940, d’*O Gaiato*. Passemos a outras em que também o mistério se me adensa:
- Outubro de 1954. Beijo a mão de Pai Américo, no escritório de D. Gabriel de Sousa, o então Dom Abade do Mosteiro de Singeverga. A imagem dele, sentado ali ao lado de D. Gabriel, está viva em mim.
- 17 de Julho de 1956. Consigo uma licença especial para sair do

Mosteiro e volto a Paço de Sousa, ao funeral de Pai Américo.

- 23 de Dezembro de 1959. Deixo o Mosteiro de Singeverga e vou para Paço de Sousa de onde, no Verão de 1960, passo para Beira, a aprender a trabalhar com P.e Baptista.
- 23 de Outubro de 1965. Dia dos anos de nascimento de Pai Américo. Rompo com a ideia de *aprendiz de Padre da Rua*. Deixei a Casa do Gaiato, casei e a foto de Pai Américo (aquele emblemática, com uma criança ao colo) passou a estar sobre a nossa mesinha de cabeceira. Como penhor da fecundidade no lar. E como guia e mestre na educação de nossos filhos.
- 24 de Maio de 1990. Isaurinha, a mãe dos meus filhos, *parte para o Pai*. Sozinho, com três filhos a estudar, mas com Pai Américo na bagagem e agarrado àquela estrelinha lá no céu, vou conseguindo levar a cruz ao calvário... Passados já 28 anos, olho os três filhos mai-los sete netos que me legaram e vejo neles o fruto sagrado desta sua suculenta pré-história...

Bom. No meio de tantas *coincidências*ⁱ e interrogações, vieram mais estas duas: a) A não sei quantos de Abril de 2015, P.e Baptista telefonou-me a ver se eu podia chegar a Paço de Sousa. Ele e P.e Júlio queriam falar comigo. Fui e, penso que por uma reacção quase automática e inconsciente, sem saber bem o quê, aceitei o desafio de “botar uma mãozinha” no Calvário / Casa do Rapazes enquanto P.e Baptista se via forçado a ausentar-se. Dizem que *para maior liberdade das investigações*. Coisas exigidas pela tal *lei dos homens* por Ele amados, mas que nem sempre *encontra homens que se regem pelo Amor que d’Ele emana*. b)

Aquela leitura sobre **Jesus e o seu Evangelho**, de que já vos falei n’*O Gaiato* — n.º 1940. É que Jesus e o seu Evangelho estão ali *analisisados* pela lupa apaixonada de J. M. Castillo, o teólogo que, aos oitenta anos, pediu licença para deixar a Companhia de Jesus, que tanto dignificou. “Para, com maior liberdade, poder continuar a escrever *guiado pelo Espírito de Deus* e livrar a Companhia dos problemas que a novidade às vezes implica”.

Dar MAIS VIDA à vida ainda viva de Pai Américo... Gosto de pensar estas *vidas seminais* como *vidas/semente* que é preciso cul-

Página da OBRA DA RUA na internet



Edição de 4 de Agosto de 2018. Ano LXXV : n.º 1941

Visite o nosso site e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □

tivar. Sinto-o particularmente pela experiência que estou a viver. Depois daquele desafio de P.e Júlio e P.e Baptista, vim para aqui, a tempo inteiro, para colmatar a falta de P.e Baptista. Porque a semente já estava lá. Faltava-lhe era aquele *culto*, aquele *cultivo* e aquela *cultura* a que agora sou urgido. E, assim, nos *meus tempos de ser, tempos de deserto* e/ou reflexão/meditação (em *silêncio e quietude*, como Jesus gostava), às vezes dou comigo a sonhar um *livro-audio*, com uma *antologia de frases chave* no pensamento de Pai Américo. Devidamente numeradas, organizadas e arrumadas por temáticas. Com um índice remissivo. Talvez tipo *Caminho*, de José Maria Escrivá — um livro já 510 vezes reeditado, com uma tiragem global de 5 000 000 de exemplares. Traduzido em mais de 50 idiomas diferentes.

No auge da minha juventude,

andei de volta do *Doutrina* a tentar fazer algo semelhante do que hoje sonho para, *mantendo mais viva a vida e a Obra de Pai Américo, despertar mais seguidores*. (*Admiradores continua a ter muitos...*). Já nos anos sessenta, com P.e Baptista, conheci as gravações que dele existem. E agora, volta e meia, lá ando eu a ouvir aquela voz peculiar, gaguejada às vezes, mas ainda com aquele *escaldar de convicções* que não deixa ninguém indiferente. Os 130 anos do seu nascimento mereciam um trabalho de fôlego. O seu amor pelos *rapazes*, pelos *pobres* e pelos *doentes* está a pedir mais do que uma canonização e pronto...

*

ⁱ Para um crente, uma “coincidência” não é mais do que “um truque que Deus usa para esconder a Sua assinatura”... □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.pt

<https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/>

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20700

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DE ÁFRICA

João Evangelista

O nosso encontro este ano vai ser feito na nossa casa de praia de Azurara nos dias 1 e 2 de Setembro.

Estamos a ficar todos mais maduros, com os anos a passarem, mas sempre com espírito jovem. Espera-se que este ano o nosso encontro, mais uma vez, sirva para alimentar e saciar a amizade, convivida em anos passados em comunidade nas nossas Casas de África.

Se passaste por alguma destas nossas Casas, aparece para conviver umas boas horas connosco. És sempre bem-vindo. Basta que telefones para o Quim Vieira, 967661608 — para saber quantos somos — e traz a toalha para um mergulho no mar. □

Dar MAIS VIDA à vida ainda viva de Pai Américo... Gosto de pensar estas *vidas seminais* como *vidas/semente* que é preciso cul-

BENGUELA

Padre Manuel António

Estímulos preciosos

VI VEMOS, há poucos dias, um momento feliz, na vida da nossa família da Casa do Gaiato de Benguela. Um dos grandes problemas actuais é a falta de emprego para os rapazes mais velhos. Estão, neste momento, a ocupar o lugar outros filhos abandonados que vivem na rua. Os pedidos de acolhimento em nossa Casa do Gaiato são constantes e em grande número. O Caminho de Ferro de Benguela abriu as suas portas a três rapazes. Terminaram o curso médio industrial. Aguardavam, como muitos outros, a oportunidade do emprego. Ao fim de bastante tempo de espera, chegou a hora de serem atendidos. Seguiram para a cidade do Huambo, para fazerem uma preparação específica para o desempenho das funções que lhes serão atribuídas, dentro da empresa. Foi, sem dúvida, um momento feliz para os mesmos e para toda a comunidade. Oxalá tenham um bom comportamento.

Antes de partirem, tivemos um encontro para acentuar a respon-

sabilidade que iam assumir. As consequências dizem respeito às suas próprias pessoas e também aos seus irmãos que ficaram ainda na nossa Casa do Gaiato. Pedi-lhes que o seu testemunho de vida fosse uma porta aberta da empresa para o acolhimento outros irmãos que estão à espera do emprego. Alguns já fizeram o seu curso médio industrial e esperam a hora da partida. Temos muita esperança. A Casa do Gaiato faz tudo o que pode e sabe para dotar os seus filhos destes tesouros com os quais se abrem, com dignidade, as portas para as suas vidas. Os filhos abandonados têm capacidade, como os filhos que vivem em famílias normais, para ser uma riqueza humana da Nação, se tiverem condições. A nossa Casa do Gaiato de Benguela quer ser a Casa de Família destes filhos.

O amor do coração de cada benfeitor é pedra básica do alicerce deste edifício, com as suas ajudas financeiras. Há poucas horas veio ter connosco o Zacarias com sua esposa e os três filhos. Foi um

rapaz criado na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Estudou e fez o curso de engenharia. Tem, neste momento, 37 anos e casou com a Josefa. Ambos são funcionários em repartições do Estado. Autêntica maravilha! Vieram visitar-me, a propósito da minha celebração dos 61 anos de sacerdote, ao serviço da nossa querida Obra da Rua, da qual a nossa Casa do Gaiato de Benguela é um ramo. É, sem dúvida, uma maravilhosa concretização do princípio fundamental da Casa do Gaiato: *fazer de cada Rapaz um Homem*. Por isso, são absolutamente necessárias as ajudas financeiras dos vossos corações. Assim tem acontecido. Doutra forma não seria possível a realização deste projecto social e verdadeiramente humano. Continuamos, pois, com muita esperança na generosidade e grandeza dos vossos corações humildes.

Há dias, chegou um grupo de cinco raparigas jovens e um rapaz, pertencentes ao grupo cristão *O Grão*. Veio de Portugal. Vai permanecer connosco durante algum tempo. São corações, verdadeiramente apaixonados para o auxílio educativo, por amor exclusivamente, às crianças e jovens da nossa Casa do Gaiato de Benguela. É uma

presença muito querida, cheia de amor, que anualmente vem estar connosco. Que os seus corações se mantenham felizes com o bem e a alegria que fazem e comunicam aos filhos desta nossa Casa do Gaiato de Benguela.

O segundo período escolar está a terminar. Os filhos estão a preparar as provas com todo o nosso cuidado e acompanhamento para que tenham bons resultados. Alguns, como acontece nas famílias normais, são mais resistentes. Vamos continuar com muita paciência e amor a incitá-los para o bem. Tivemos necessidade de algum material escolar que não possuímos. Batemos à porta da livraria *Oliveira e Ligeiro*. Como tem acontecido, noutras ocasiões, fomos atendidos com todo o carinho, como se fosse membro desta grande família que é a nossa Casa do Gaiato.

Acontece algo de semelhante, relativamente ao fornecimento do peixe necessário para a nossa alimentação. Hoje, de manhã, fui com o nosso filho Bebeto, trabalhador no porto do Lobito que, nos dias em que não trabalha vem dar a sua ajuda nos trabalhos da nossa Casa que foi sua também. Conduziu a nossa carrinha até às pescarias na Baía Farta. A empresa de peixe *Vimar & Filhos* tem sido admirável na sua generosidade. Ajudou-nos também a pescaria *Sede*. Estas ajudas são, na verdade, um estímulo de muito valor para a nossa vida. Vamos continuar a trabalhar com muita confiança e muita esperança, dando as nossas vidas por amor destes filhos. Recebei um beijinho com muito carinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

ERA O ANO I, N.º 13

Padre Américo

De como se procedeu ao lançamento da primeira pedra da capela da nossa Aldeia

Isto foi no dia 8 de Agosto. Toda a Comunidade com seus fatos domingueiros. Todos os operários, com os do trabalho. Uma hora depois, estávamos todos no topo da aldeia e local onde a capela vai ser erguida. Os Gaiatos subiram a ladeira em deliciosa desordem, cada um de seu tamanho, nenhum do mesmo feitio, fatos e cores desiguais, que esta é a igualdade unívoca em que nos radicamos, cópia fiel da Natureza. Ele até há diferença de estrela para estrela!

Daí a nada, silêncio. O Mestre de obras é chamado para indicar a pedra. O sol é temperado; o dia alegre. A multidão dos pequeninos Párias sabe e sente que vai ser resgatada pela Cruz. É chamado o Sérgio, o Maior da Casa de Paço de Sousa. É chamado o Zé Maria, o ex-larápio de carteiras!, que traz procuração e representa o Maior da Casa de Miranda. É chamado o Herlander, o Maior do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios de Coimbra. São chamados os grandes da Nação, a esperança de um Portugal melhor!

São chamados os magnânimos, desejosos de perdoar ao mundo que os deixa cair, por amor da Cruz que ora levantam!

A pedra estava a uns metros retirada do sítio. Herlander e Sérgio tiram o casaco; Zé Maria já estava sem ele. Os três Rapazes puxam: viram e reviram, até ela cair no chão, para que seja a espinha dorsal da obra deles.

Isto foi tal qual se passou e o simples relato se nota que as Casas do Gaiato estão remando contra velhas correntes e praxes, em festas desta natureza. O símbolo cede à realidade. Não veio o senhor botar a colherada de cal, nem a menina cortar a fita. Há, sim, o braço forte de rapazes fortes, a trambolhar o calhau para o seu sítio, absolutamente senhores de si, donos do que é seu, na casa deles. Em lugar dos discursos do estilo, houve três dúzias de foguetes lançados pelo Ambrósio e a pequenada a correr atrás das canas. Em substituição do clássico porto de honra, houve uma sopa grossa de abóbora e vagens, um prato de vitela com batatas novas, uma fatia de pão do nosso milho, um pires de arroz doce e uma caneca de vinho, a fazer bigodes. Tudo isto cozinhado pelos nossos, servido pelos nossos, saboreado e discutido pelos nossos; obra deles, por eles, para eles.

No final ouviram-se os vivas, nascidos dentro deles e puxados do coração, sem rótulos nem encomendas; — coisas grandes, filhas do sentimento, notas vivas e alegres, que só eles sabem dar, uma vez que comprehendam o seu estado racional de pessoas livres, de que se podem fazer futuros homens de bem. E desta arte, com as armas da justiça e de verdade, no meio da inglória e da infâmia, que vem a ser o natural *sim* e *não* da ignorância, caminha a Obra da Rua pela estrada da angústia, que ele nunca houve no mundo outra diferente para as obras que deixam ficar atrás de si a sua marca. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O meu grito de aflição do passado *O Gaiato* ficou na última página.

Num cantinho cá ao fundo! Sei que os meus leitores o procuram onde ele se encontrar, mas nem todos têm essa sensibilidade.

“Outros valores mais altos se levantam”. O juízo não é meu. Meu é o bradar contra a injustiça a que os pobres estão sujeitos. Não tenho mais nenhum interesse.

A seguir à Janete, posta fora de casa com os seus seis filhos, sem qualquer saída que não fosse a rua, apareceu-me outra pobre viúva, ainda nova, com dois filhos, sofrendo o mais novo de doença crónica, também posta na rua, por ocupar uma casa que não lhe pertencia. A desgraçada viúva veio aqui pedir por tudo que lhe valesse. Durante quinze dias não saía desta casa, a chorar a sua desdita.

Sem qualquer saída que não fosse alugar uma casa, cuja renda pudesse suportar e de que eu lhe

pagaria a caução e o primeiro mês, ela sentindo-se perdida, não nos largava a nossa Casa e a sua angustia agarrou-se de tal modo a mim, que por mais voltas que desse à cabeça, não encontrava remédio.

Um pouco desorientado fui procurar quem eu julgava ter alguma capacidade de acudir à minha aflição. Ouvi inesperadamente um dramático desabafo: — *Nesta cidade temos carência de duas mil casas*.

Duas mil casas são um grande bairro o qual é necessário surgir para acabar com o amontoado de famílias que vivem em promiscuidade, em nova edição dos remotos tempos passados da década de sessenta a setenta do último século.

Setúbal cresceu muito, como a maior parte das cidades hodieras. Foram muitas as famílias que abandonaram as horríveis e pestilentas barracas e se acomodaram em casas dignas, devido a rasgados planos de habitação

conseguidos e executados na parte Oeste da cidade.

Eu não sei a que departamento da autoridade pública compete responder a esta eminentemente necessidade social, sei somente que ela existe e urge solução.

Dada a subida repentina das rendas de casa e os baixos salários, é quase impossível viver sem recurso a uma casa abandonada, uma barraca clandestina ou acumulação de famílias num apartamento.

A cidade sofre de um baixo nível moral como quase todos os burgos ribeirinhos do mundo e esta enorme falta de habitação vem ainda agravar mais o problema.

Há quantos anos não se constroem habitações sociais em Setúbal?

Como responder de forma equilibrada a este fluxo de pobreza que, de todo País, e não só, acorre à cidade do Sado, parada na habitação social?... □

NOVO LIVRO

A Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte acaba de lançar o livro *Esses caminhos que andamos...* Doseu Prefácio reproduzimos o seguinte parágrafo.

«Todas as palavras contidas neste volume, que agora é dado à estampa, devem ter significado e efeito reproduzido de bem recebido; devem ser pesadas à luz do momento histórico em que foram vividas; devem ser expressão da verdade da vida que se viveu e, se necessário, do perdão que se dá fraternalmente. Não haverá ninguém tão santo que não precise de ser perdoado, nem haja ninguém tão empedernido que não perdoe nem queira ser perdoado. Na realização do filme da vida de cada um há tempo para perdoar e ser perdoado, é necessário que esses acontecimentos fiquem registados no filme.»

